

## Era uma vez... Histórias que não são mais contadas

Cleidiana Brito da Silva<sup>1</sup>

Há histórias que não são mais contadas. Histórias que outrora nossos pais, avós, pessoas mais velhas, contavam com todo o mistério ou graça que uma noite estrelada permitia. Eram causos de assombração, caçadas, ouro enterrado, gente que virava toco, bichos encantados e muitas outras livusias. Tinha também histórias hilárias, ouvi-las parecia com fazer cócegas na gente. Dentre estas, a de Dona Maria Oicin, uma senhorinha gaga que recebeu esse apelido justamente pela dificuldade em pronunciar as palavras, ela tinha problemas de disfemia.

Era a história do toucinho, do gato que roubava o “oicin” e da teima de Dona Maria sobre o dia da feira na cidade de Ibiassucê. O registro desta história se torna muito especial por manter viva as memórias de pessoas mais velhas e também porque nos permite perceber como o tempo era mensurado através de tarefas cotidianas das pessoas. O despertar ao amanhecer, era o cantar do galo, e a partir daí se seguia uma série de atividades como tirar o leite, buscar água no rio ou cacimba, levar o gado para a “manga”, fazer coivaras, cuidar da terra... Não era preciso se prender a horários, datas, dias da semana, pois as pessoas não tinham necessidade de conviver com o tempo normatizado dos relógios. Dona Maria Oicin, é a perfeita representação das pessoas que não tinham suas vidas reguladas pelo tempo dos relógios e dos calendários. Esta história era mais ou menos assim...

Conta-se que Dona Maria, vulgo Maria Oicin, não sabia ler, tampouco escrever, mas de muito curiosa que era, desenvolveu uma interessante estratégia para contar os dias da semana. Tinha os calendários - as famosas folhinhas - que ficavam penduradas na parede, mas Dona Maria não "era dada" com estas coisas. O toucinho comprado no sábado, na feira livre de Ibiassucê, era dividido em sete pedaços. Um para cada dia da semana. Logo, quando restava apenas um pedaço, a sábia senhora entendia que o dia seguinte era sábado - dia de feira. Era preciso ajeitar a roupa, separar o embornal, o lenço do cabelo... se preparar pra ir ao comércio, como costumavam dizer quando iam à cidade.

Desde os tempos mais remotos, algo muito comum nas casas, principalmente na roça, mais especificamente no interior, era ter um gato. Eles sempre foram considerados como um membro da

---

<sup>1</sup> Mestranda em Ensino, Linguagem e Sociedade - PPGELS na Universidade do Estado da Bahia - Mestrado Profissional. Graduada em HISTÓRIA pela Universidade do Estado da Bahia. Professora de História pela Prefeitura Municipal de Lagoa Real e professora de Educação Infantil pela Prefeitura Municipal de Caculé - BA. E-mail: cleidianacte@hotmail.com

família e como utilidade maior ainda costumavam caçar os ratos em constante correria. Certa semana, o gato roubou um pedaço de toucinho, o que causou uma grande confusão quando Dona Maria entrou na despensa para pegar os mantimentos e o toucinho. Restava apenas um pedaço. De acordo a maneira como contara os dias da semana, aquele seria o pedaço de toucinho para o almoço do sábado. Logo, ela se preparava pra ir à feira. Segundo a minha avó, que me contou esta história, ela chegou a ir até a casa da vizinha para irem juntas à feira, como de costume. Toda esta confusão causada por um gato esperto, gerou uma pendenga entre Dona Maria e o casal vizinho, que eram seus compadres.

\_\_ Ué Cumade, pra onde cê vai? Indagou o vizinho Adilino, que acabara de chegar da ordenha de leite.

\_\_ Vô pra feira, umpade! Passei pra chamar umade Ziquinha. Disse ela.

\_\_ Ué, cumade, não tem feira hoje não! A feira é amanhã, sábado. Hoje né sábado não. Respondeu ele.

Neste mesmo momento, a comadre Ziquinha que ouvira toda a conversa, de lá do paiol, diz:

\_\_ A feira né hoje não cumade Maria. Hoje é sexta-feira. Eu merma tô ino barrer os terreiro. Acordei cedim pra tirar uma bassôra de malva.

\_\_É sábado sim, o oicim abou! Respondeu Dona Maria, franzindo as sobrancelhas, meio desconfiada, pensativa...

Gaguejando mais do que de costume, ela queria dizer que o toucinho havia acabado. E assim, depois de muita discussão e ela repetindo várias vezes que “o oicim abou”, “o oicim abou”... após ouvir o miado de um gato que corria desconfiado por ali, ela se lembrou de Magrelo, como era chamado o seu gato, que só tinha o couro e o osso, compreendendo, enfim, que fora ele que comeu o sétimo pedaço do toucinho.

Diante de situações inusitadas como essa de Dona Maria, podemos refletir sobre a importância que damos ao tempo hoje. Ao tempo dos relógios e dos alarmes para não “perdermos a hora”... Nosso tempo de hoje é cronometrado. Os relógios, desde os analógicos aos mais modernos Smartwatches, regulam o ritmo de nossas vidas. Vivemos em função dele (o tempo), o mesmo tempo que fez/faz muitos esquecerem ou deixar passar despercebidas, histórias de tantas Marias.